



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

SAMARA EDJANILLY GOMES BARROSO

**ADOLESCÊNCIA DA REGIÃO ADMINISTRATIVA DO SOL
NASCENTE/PÔR DO SOL: REPRESENTAÇÕES SOBRE O
TRABALHO**

BRASÍLIA

2022

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

SAMARA EDJANILLY GOMES BARROSO

**ADOLESCÊNCIA DA REGIÃO ADMINISTRATIVA DO SOL
NASCENTE/PÔR DO SOL: REPRESENTAÇÕES SOBRE O
TRABALHO**

Trabalho Final de Curso
apresentado à Banca Examinadora
da Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília, como
requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia,
sob a orientação da Profa. Dra.
Caetana Juracy Rezende Silva.

BRASÍLIA

2022

SAMARA EDJANILLY GOMES BARROSO

**ADOLESCÊNCIA DA REGIÃO ADMINISTRATIVA DO SOL
NASCENTE/PÔR DO SOL: REPRESENTAÇÕES SOBRE O
TRABALHO**

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia, à banca
examinadora da Faculdade de
Educação da Universidade de
Brasília, sob a orientação da Profa.
Dra. Caetana Juracy Rezende Silva.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Caetana Juracy Rezende Silva
Orientadora TEF/FE/UnB
Presidente da Banca Examinadora

Profa. Dra. Caroline Bahniuk
TEF/FE/UnB
Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Vânia do Carmo Nobile
Núcleo Pedagógico campus Brasília IFB
Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Ana Maria de Albuquerque Moreira
PGE/FE/UnB
Membro da Banca Examinadora - suplente

AGRADECIMENTOS

Agradeço à proteção divina que sempre me acompanhou e me cobriu.

Aos meus pais, Edjane de Jesus Gomes Barroso e Antonio da Rocha Barroso Junior, pelo apoio incondicional que sempre me ofereceram, pela preocupação com minha educação e pelos esforços imensuráveis desde sempre.

Ao meu irmão, Sebastian, e a minha cunhada, Evelyn, por estarem presentes e pela disposição, vocês são fundamentais em minha vida.

À professora Caetana Juracy Rezende Silva, minha orientadora, por todos os ensinamentos aos quais tive acesso ao seu lado. Agradeço, também, pela paciência e serenidade durante todo o processo.

A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo. Só há História onde há tempo problematizado e não pré-dado. A inexorabilidade do futuro é a negação da História.

Paulo Freire
(Pedagogia da Autonomia)

*Usando e abusando da nossa liberdade de expressão
Um dos poucos direitos que o jovem negro ainda tem nesse país
Você está entrando no mundo da informação,
autoconhecimento, denúncia e diversão.*

Racionais MC's
(Fim de semana no parque)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso se volta para o exame das relações entre educação e trabalho, tendo como objeto de estudo as representações sobre o mundo do trabalho de jovens que vivem em regiões periféricas, considerando as questões socioeconômicas e culturais que atravessam esses espaços e impactam nas trajetórias desses sujeitos. Para tanto, a opção foi por uma pesquisa de cunho qualitativo, com a realização de estudo de campo, por meio de entrevista com adolescentes estudantes moradores da Região Administrativa do Sol Nascente/Pôr do Sol, no Distrito Federal. O estudo permitiu verificar que as imagens de trabalho construídas pelos jovens participantes refletem um cenário precário, impregnado de flexibilidade e insegurança. Não foi possível captar o grau de impacto do ambiente escolar na construção dessas imagens, sendo que a escola aparece como um lugar de passagem, sem a geração de vínculos e perspectivas de futuro.

Palavras-chave: Região Administrativa do Sol Nascente/Pôr do Sol; Mundo do trabalho; Juventude

ABSTRACT

The present study focuses on examining the relationship between education and work, having as its object of study the representations of the world of work of young people living in peripheral regions, considering the socioeconomic and cultural issues that cross these spaces and impact their trajectories. Therefore, the option was for qualitative research, with the accomplishment of a field study, through interviews with adolescent students living in the Administrative Region of Sol Nascente/Pôr do Sol, in the Federal District. It was possible to verify that the work images constructed by the young participants reflect a precarious scenario, impregnated with flexibility and insecurity. However, it wasn't achievable to capture the degree of impact of the school environment in the elaboration of these images. The school appears as a place of passage, without the generation of connections and perspectives for the future.

Keywords: Administrative Region of the Nascente/Pôr do Sol; World of work; Youth

LISTA DE FIGURA

Figura 1: Representação gráfica interseccionalidade	23
Figura 2: Planta de localização RA Sol Nascente.....	29
Figura 3: Gráfico do nível de escolaridade da população, com 25 anos ou mais, Sol Nascente/Pôr do Sol, 2021	32
Figura 4: Típica rua do Sol Nascente/Pôr do Sol, 2022.....	34
Figura 5: Júlia perto do local onde mora, no trecho 2	35
Figura 6: Percurso casa-escola realizado por Júlia	35
Figura 7: Michael no trecho 2.....	36
Figura 8: Percurso casa-escola realizado por Michael	36
Figura 9: Rua principal no Sol Nascente.....	38
Figura 10: Representações sociais que impactam na vida dos adolescentes	39

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	3
RESUMO	6
ABSTRACT.....	7
LISTA DE FIGURA	8
MEMORIAL.....	11
INTRODUÇÃO	14
1 – ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	19
2.1 Os sentidos do trabalho.....	20
2.2 As Juventudes atuais.....	21
2.3 A juventude, a educação e o trabalho.....	23
2.4 As representações sociais	26
3 – REPRESENTAÇÕES SOBRE O TRABALHO: O QUE DIZEM OS ADOLESCENTES DO SOL NASCENTE/PÔR DO SOL.....	27
3.1 Contextualizando o Sol Nascente/ Pôr do Sol	27
3.2 Os participantes da pesquisa: adolescentes do Sol Nascente/Pôr do Sol	28
3.3 Percepções e expectativas em relação ao trabalho.....	30
3.4 Anseios em relação à transição após a educação básica	31
3.5 A territorialidade em questão	32
3.6 Fatores que impactam na formação das representações e implicações para o campo educacional	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
PERSPECTIVAS FUTURAS	44
REFERÊNCIAS.....	45
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	48
Apêndice B – Roteiro semiestruturado: entrevista	49

MEMORIAL

Sou Samara Edjanilly Gomes Barroso e nasci no dia 26 de fevereiro no ano de 1997, em Caxias, uma cidade do estado Maranhão. Meus pais nasceram no mesmo estado, porém em outras cidades. Meu avô materno, o qual considero um segundo pai, é natural de Sobral, Ceará, e estudou até o 4º ano do ensino fundamental, posteriormente, se viu obrigado a procurar emprego e se tornou migrante, realidade comum para muitos nordestinos nascidos na primeira metade do século XX. Foi seringueiro, vaqueiro, guarda florestal, roceiro, boia-fria e exerceu mais uma porção de profissões encontradas em contexto campesino.

Meus pais, a primeira geração da família a viver predominantemente em contexto urbano, também exerceram diversas profissões ao longo da vida, principalmente na conjuntura de pós período ditatorial. A cidade em que nasci e morei grande parte da infância possuía muitos pontos turísticos históricos, e personagens que faziam parte da literatura nacional. Porém, com muitos problemas no que diz respeito à desigualdade social e à omissão estatal na garantia de direitos básicos dos indivíduos. A conjuntura educacional também apresentava problemas, haja vista a ausência de cursos de ensino superior e a pouca oferta de postos de trabalho: as alternativas eram escassas.

O início da minha vida escolar se deu em uma escola municipal do estado do Maranhão, tenho algumas lembranças da época e me lembro que gostava muito de ler, das aulas de história e português, matemática não era mesmo o meu forte. Recordo-me, também, de uma loja de variedades que havia no centro da pequena cidade em que morava. Lá era possível encontrar clássicos adaptados para o público infanto-juvenil e custavam cerca de 0,99 centavos. Em quase todo início de mês, quando recebia seu salário, 400 reais à época, meu pai me levava para escolher dois livrinhos, os primeiros foram “O triste fim de Policarpo Quaresma”, do escritor Lima Barreto – um dos meus preferidos até hoje, e “Garibaldi e Manoela”, obra de Josué Guimarães. Meus pais sempre primaram por nossa educação e nos deram a oportunidade de que foram privados quando mais jovens. Minha mãe e meu pai concluíram seus estudos na Educação de Jovens e Adultos (EJA), em um período no qual a educação básica obrigatória havia se tornado exigência para conseguir algum emprego. Dada a realidade pouco favorável da minha cidade natal, no ano de 2008,

meus pais optaram pela mudança para o Distrito Federal. A essa altura, eu estava no 6º ano do ensino fundamental e meu irmão nos anos iniciais.

Ao chegar no DF, moramos de favor na casa de uma tia durante um ano e após isso nos mudamos para a região do Sol Nascente, que fazia parte de Ceilândia. Nessa época, por volta de 2009, a região ainda não possuía asfalto e o saneamento básico era precário. Não existiam escolas nas proximidades, e nos deslocávamos para instituições de ensino localizadas em Ceilândia, fato comum ainda hoje, tendo em vista a carência de escolas na região. Concluí o ensino fundamental enfrentando algumas barreiras culturais: sofri muito *bullying* pelo sotaque acentuado que tinha e levei alguns anos para superar essa fase. Já o ensino médio, cursei em uma instituição limítrofe ao Sol Nascente e, embora ficasse sob administração da Regional de Ensino de Ceilândia, inúmeros alunos oriundos do Sol Nascente cursavam lá essa etapa da educação básica.

Durante o ensino médio, veio a preocupação constante com o próximo passo: ensino superior ou trabalho? Meus pais não tinham acessado o ensino superior e parecia uma ideia muito distante cursar uma universidade naquela realidade altamente vulnerável, e, apesar do cenário improvável, minha mãe sempre nos estimulou a buscar meios de acesso à Universidade de Brasília – UnB, tendo em vista o renome que esta possuía tanto nacional quanto internacionalmente.

Com muitos incentivos partindo de meus pais, iniciei os estudos para o Programa de Avaliação Seriada – PAS, da UnB, sozinha e com algumas apostilas que encontrava em grupos de doações nas redes sociais. Meu pai trabalhava pela madrugada na época e, na volta do trabalho, andava pelas paradas da avenida W3 Norte em busca de livros e apostilas que pudessem me ajudar na preparação para a etapa 1.

Enfrentei algumas dificuldades nos 3 anos do ensino médio, a falta de professores por até dois meses foi uma das maiores. Como competir com outros alunos que tinham todas as aulas, cursinhos e, muitas vezes, projetos e aulas suplementares direcionados para vestibular? Alguns dos professores nos alertavam sobre a dificuldade que era ser aprovado em uma prova de universidade pública. O sentimento de não pertencimento a um espaço ainda muito elitizado minava as

expectativas de muitos dos estudantes prestes a conhecer a transição educação básica-ensino superior.

Consegui a aprovação no PAS, ao final do 3º ano do ensino médio, para o curso de Teoria, Crítica e História da Arte na Universidade de Brasília e, antes disso, no 2º ano do ensino médio, para o curso de Letras, em uma faculdade particular. Assim que iniciei o curso na UnB, senti um choque cultural enorme. Meus colegas e eu tínhamos vivências muito diferentes. A maioria era proveniente de escolas particulares de renome e foi muito difícil me manter no curso, tendo em vista o fato de ser noturno. Tentei permanecer por um ano, mas as condições não eram boas, e, durante o período, meus pais acabaram perdendo seus empregos e optei então por trancar o curso no início do ano de 2016.

No ano de 2016, já com 19 anos, adquiri alguns problemas relacionados à ansiedade e à depressão. Cobrava-me muito por não ter escolhido um curso no período integral e que oferecesse maiores oportunidades de mercado de trabalho. Em uma conversa com minha mãe, veio a ideia de cursar pedagogia ou outra licenciatura. Durante o ano de 2016, estudei em casa diuturnamente ainda com as antigas apostilas da época do ensino médio e, ao final do ano, após muitos problemas familiares e de saúde mental, fui aprovada no Sistema de Seleção Unificado – SISU, para o curso de Pedagogia. Convém destacar que em ambas as aprovações fui selecionada como cotista de escola pública, importante instrumento que garante, todos os anos, o acesso de milhares de alunos de escolas públicas e com baixa renda ao ensino superior público.

Minha jornada no curso de Pedagogia se iniciou em março de 2017. Eu não tinha noção da qualidade do ensino a que tinha acesso e estava perdida no início do curso. Fiz bons amigos logo na primeira semana de aula e muito me alegrou constatar que os levarei para toda a vida. O meu maior medo nesse momento era não conseguir me manter no curso, levava cerca de 3 horas para chegar ao campus Darcy e, às vezes, 3 horas e meia no caminho contrário. No primeiro semestre de curso, não havia linhas de ônibus que passassem no trecho 1 do Sol Nascente e para chegar a tempo nas aulas das 8:00 da manhã tinha que andar até o metrô, distante cerca de 2 quilômetros da minha casa. Saía de casa às 05:00 da manhã, muitas vezes sozinha, algumas vezes acompanhada do meu irmão mais novo.

Apesar de enfrentar problemas devido a distância da minha casa até o campus, fato comum na vida de centenas de alunos da UnB, e relacionados ao constante deslocamento dos meus pais ao Nordeste, consegui me manter no curso de Pedagogia. No ano de 2020, teve início a pandemia do coronavírus e com isso muitas coisas mudaram nas nossas vidas. Meus pais, que até então moravam no Nordeste, voltaram a morar no DF em decorrência de um repentino adoecimento do meu avô. Antes disso, fui obrigada a trancar um semestre, o primeiro do ano de 2020, pois não havia condições materiais de acompanhar as aulas e me vi, durante 1 ano, como cuidadora integral do meu avô, que na época tinha 91 anos.

Durante os anos de 2020 e 2021, ecoavam notícias de um possível edital para o concurso da Secretária de Estado de Educação do DF – SEEDF. Eu não tinha experiência alguma com concursos e nunca havia estudado de forma constante. Iniciei os estudos em fevereiro de 2021 e, apesar de não possuir condições favoráveis na época, consegui uma boa colocação no processo seletivo simplificado, o que garantirá um contrato com a SEEDF.

Em meio aos estudos para concurso, tive oportunidade de estagiar em uma escola pública, localizada no Sol Nascente, próxima da minha casa, e em muitos momentos enxerguei a Samara de 10 ou 11 anos nas crianças que lá estudavam. Não tinha noção dos espaços que poderia ocupar e aonde a educação poderia me levar. O sentimento é, por um lado, de gratidão, especialmente aos que vieram antes de mim e me proporcionaram estar aqui; por outro, de esperança em relação aos próximos anos. Mas, especialmente, é nunca esquecer a minha origem e o lugar que ocupo.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, inserida no campo das relações entre educação e trabalho, tem como tema as representações sobre o mundo do trabalho de jovens que vivem em regiões periféricas, considerando as questões socioeconômicas e culturais que atravessam esses espaços e impactam nas trajetórias desses sujeitos. O objetivo geral do estudo é compreender as representações dos adolescentes estudantes participantes da pesquisa, residentes na região administrativa Sol Nascente/Pôr do Sol, no Distrito Federal, acerca do trabalho. Como objetivos específicos, busca-se: Identificar as representações sobre o trabalho, construídas cotidianamente pelos adolescentes participantes da pesquisa; conhecer os anseios desses sujeitos em relação à transição após a educação básica; analisar fatores que impactam na formação dessas imagens/representações e implicações para o campo educacional. Para tanto, a opção foi por uma pesquisa de cunho qualitativo, com a realização de estudo de campo, por meio de entrevista com adolescentes estudantes moradores da localidade citada.

A segmentação utilizada neste projeto para referir-se ao conceito de juventude vai ao encontro do que Novaes (OLIVEIRA; LACERDA; NOVAES, 2021) define. A Autora desmembra o conceito de juventude em 3 grupos, os quais são organizados em: “jovem-adolescente”, dos 15 aos 18 anos; “jovem-jovem”, de 19 a 24 anos e “jovem-adulto”, que engloba indivíduos entre 25 e 29 anos. Será aqui adotada, a categoria “jovem-adolescente” (indivíduos entre 15 e 18 anos).

A adolescência, período de muitas mudanças de caráter biológico e de elevado grau de socialização em diferentes grupos, é mais que um *lócus* entre a infância e a vida adulta ou mera circunstância de preparação para o alcance da maturidade. É, em muitos casos, o momento em que jovens estabelecem relações com o trabalho, o que pode ocorrer de diversas formas, quer por projetos de estágios ou programas similares estimulados por instituições educativas, os quais viabilizam o acesso ao primeiro vínculo laboral, quer por vias informais, realidade cada vez mais frequente, dada a ultraflexibilização do mercado de trabalho e dos direitos trabalhistas.

No Brasil, de acordo com projeções recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de adolescentes entre 15 e 19 anos - faixa

etária ainda contemplada pela educação básica obrigatória - ultrapassou a marca dos 15,5 milhões no ano de 2021. Mesmo com a inversão da pirâmide etária, fenômeno aguardado nas próximas décadas, a juventude brasileira representa uma parcela considerável da população que possui anseios escolares, acadêmicos e profissionais próprios de uma geração prestes a lidar com a contínua e permanente crise do sistema capitalista, que se impõe desde a década de 1980 (SANTOS, 2020).

Logo, percebe-se a controversa situação com a qual jovens e adolescentes prestes a adentrar o mundo do trabalho defrontam-se: recém-saídos de um sistema educacional com profundas marcas de desigualdade socioeconômica, e inexoravelmente diante de um panorama altamente competitivo e precarizado. Além disso, as pretensões no que diz respeito à inserção no mundo do trabalho vão ao encontro das representações e construções diárias a que esses indivíduos têm contato em suas vivências variadas. Ainda conforme o IBGE, em pesquisa realizada com adolescentes em idade escolar, em 2019, a respeito das expectativas após a conclusão do ensino médio, 67,2% dos entrevistados afirmaram ter intenções de manter estudos e trabalho paralelamente. Em contrapartida, 9,7% optariam apenas por estudar, e 8,6% apenas por trabalhar.

Vale destacar que as visões de trabalho e a forma como as atuais juventudes lidarão com as incertezas dos próximos anos diferenciam-se fortemente quando observadas por recortes específicos como raça/cor, gênero e classe social, e se tornam mais díspares quando evidenciadas em uma metrópole de influência nacional (FRIGOTTO, 2020). Dessa forma, faz-se necessário compreender o que esperam do mundo do trabalho os jovens inseridos em realidades sociais de alta vulnerabilidade e omissão estatal, como é o caso da recém criada Região Administrativa XXXII Sol Nascente/ Pôr do Sol, localizada no Distrito Federal, com características peculiares em seu desenvolvimento e em sua expansão vertiginosa ao longo das últimas décadas.

A criação de uma Região Administrativa, conforme o artigo 9º da Lei Orgânica do Distrito Federal, objetiva a uma utilização racional de recursos e a melhoria da qualidade de vida de sua população. O Projeto de Lei nº 350 de 2019, que autorizou a secessão da Região do Sol Nascente/Pôr do Sol da Região Administrativa de Ceilândia, trouxe consigo tais escopos que, no entanto, mostram-se de difícil alcance. Os recentes dados da Pesquisa Distrital de Amostra por Domicílios (PDAD),

publicados em junho de 2022, explicitam algumas das principais problemáticas presentes na região, entre as quais estão ausência de escolas públicas, infraestrutura e saneamento básico precários, alta taxa de informalidade no trabalho e baixas remunerações.

No contexto atual, tendo em vista a conjuntura referente às juventudes brasileiras em suas peculiaridades, e a relação que os adolescentes residentes em uma área carente de políticas públicas e aparelhos estatais possuem ou conjecturam sobre o mundo do trabalho, deve-se observar também o impacto causado pela ainda vigente pandemia da Covid-19 e como essa modificou aquilo o que os jovens representam para o mercado de trabalho e onde se encaixam, haja vista a posição instável na qual são colocados em momentos de crise (FRIGOTTO, 2020).

A presente pesquisa justifica-se por sua relevância social em buscar compreender as visões e demandas de jovens em uma área altamente estigmatizada e que carece de maior presença do Estado e de seus aparelhos, constituída por sujeitos invisibilizados em busca do exercício pleno de suas cidadanias. Questões referentes a atualidades, especialmente no que diz respeito à forma como os adolescentes já trabalhadores ou que se tornarão em breve percebem a lógica do sistema trabalhista e o que podem esperar dele em meio a uma crise pandêmica. Além disso, é pertinente por investigar a maneira pela qual a escola lida com os projetos de vida e como a educação escolar reverbera nas escolhas que os estudantes fazem e nas imagens que constroem sobre o trabalho.

Este trabalho está dividido em duas partes, além da introdução e das considerações finais. A primeira, intitulada Trabalho, Juventudes e Educação, levanta alguns pontos relacionados a esses três grandes campos de estudos. É discutido o conceito de trabalho, são apresentadas algumas características das juventudes brasileiras e analisadas questões referentes a como na educação básica obrigatória os jovens e suas necessidades são tratados. Por fim, uma breve definição da lente teórica que permite entender as representações sociais que adolescentes criam a respeito do trabalho. Na segunda parte, aborda-se as representações sobre o trabalho: o que dizem os adolescentes do Sol Nascente/Pôr do Sol; sendo apresentadas as análises realizadas a partir de entrevista concedida por jovens-adolescentes moradores dessa região. Aqui observamos suas subjetividades, especialmente relativas à ligação com território e como isso influencia a construção

de suas histórias.

ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

O presente estudo se insere no campo das relações entre educação e trabalho, com seu tema voltado para as representações sociais elaboradas por adolescentes acerca do trabalho, e tem como foco as imagens construídas por adolescentes residentes da região do Sol Nascente/ Pôr do Sol a respeito do trabalho. De forma geral, buscou-se compreender as representações dos adolescentes estudantes participantes da pesquisa, residentes na região administrativa Sol Nascente/Pôr do Sol, acerca do trabalho. De forma específica: identificar as representações construídas cotidianamente pelos adolescentes participantes da pesquisa sobre o trabalho; conhecer os anseios desses sujeitos em relação à transição após a educação básica; analisar fatores que impactam na formação dessas imagens/representações e implicações para o campo educacional.

Dadas as questões sociais a compreender e analisar, a opção foi por uma pesquisa de cunho qualitativo, com a realização de um estudo de campo. Além do levantamento bibliográfico preliminar, com a finalidade de se apropriar de conceitos fundamentais para a temática, foram usados como instrumentos de coleta de dados a entrevista, organizada com um roteiro semiestruturado, anotações de impressões da pesquisadora durante a entrevista, registros visuais e o levantamento de dados estatísticos para a compreensão do contexto. A entrevista foi gravada e, posteriormente transcrita. Na leitura da transcrição, buscou-se a identificação de aspectos relevantes à temática pesquisada e a observação das perspectivas dos entrevistados.

As obras selecionadas para compor a base teórica do presente estudo abordam, por diferentes perspectivas, problemáticas atuais sobre trabalho, educação e juventudes, discutindo fenômenos sociais que perpassam esses temas. Para compreender a dinâmica e os sentidos do mundo do trabalho, optou-se por Antunes (2018) e Frigotto (2020). A fim de compreender os meandros que envolvem as juventudes, utilizou-se Novaes (OLIVEIRA; LACERDA; NOVAES, 2021), Corrochano (2014) e Weller (2014). No campo das representações sociais, é tomada como base a abordagem de Moscovici (2012; 2015). Além disso, Carvalho e Filho (2021), em relação à juventude e mercado de trabalho, Hirata (2018) sobre interseccionalidade e Santos (2020), sobre impactos da pandemia, são usados como fundamento.

TRABALHO, JUVENTUDES e EDUCAÇÃO

Neste tópico trazemos considerações sobre o conceito de trabalho e qual concepção vigora no atual estágio do sistema capitalista. Ademais, apresentamos alguns marcadores que interferem nas vidas da população jovem brasileira e sua relação com a educação básica obrigatória, baseando-se na análise de alguns normativos educacionais. Na parte final, abordamos a teoria das representações sociais, de Moscovi, a qual permite compreender as imagens criadas por jovens sobre o mundo do trabalho e outras problemáticas.

1.1 Os sentidos do trabalho

Conceituar trabalho é considerar os processos históricos e as metamorfoses pelas quais essa atividade essencialmente humana transitou ao longo de muitos séculos. Antunes (2011) destaca que os Gregos trouxeram noções distintas e que geraram determinadas interpretações: *ergon*, viés que enxerga o trabalho como esforço criativo ou momento de catarse; enquanto *pónos* vê como vivência de martírio e fadiga. O sofrimento também está representado no mito prometeico, em há a ligação eterna do titã Prometeu a um rochedo, causando o seu sofrimento todos os dias com a mesma punição e se regenerando durante a noite.

Existem também perspectivas que veem o trabalho como ato de salvação e que dignifica o homem. Na atual estrutural social, o trabalho ocupa posição significativa nas relações humanas. Corrochano (2014) afirma que o trabalho humano se modifica historicamente, alterando-se as formas de trabalho, os instrumentos de produção, os objetos a serem produzidos e as relações sociais. Além disso, com o advento do sistema capitalista de produção, o trabalho assumiu uma forma muito específica: trabalho assalariado. Na perspectiva do sistema capitalista, o trabalho torna-se mercadoria e é constantemente abstraído na relação entre coisas.

Ramos (2004) apresenta dois sentidos para o trabalho. Primeiramente em uma concepção ontológica, na qual é uma atividade inerente ao ser humano e é o meio pelo qual o homem produz sua própria existência na relação com a natureza e com outros homens. Em uma segunda visão, o trabalho como conceito histórico, que no sistema capitalista de produção, é fator econômico e está relacionado à força

produtiva.

Além disso, existem conceituações de trabalho concreto e abstrato. Antunes (2018), diz que este emerge como centralidade na sociedade capitalista, transformando-se em mercadoria e assumindo valor de troca. Nessa abstração, o trabalhador é afastado do produto de seu trabalho e não se reconhece na atividade produtiva, sendo desestruturador da humanidade, transformando-se em trabalho alienado. Por outro lado, está o conceito de trabalho concreto, vinculado à produção de bens socialmente úteis e à atividade vital. Em uma perspectiva de produção capitalista, visando apenas ao lucro e à valorização do capital, o trabalho abstrato prevalece sobre o concreto e faz este desaparecer.

1.2 As Juventudes atuais

O tratamento da condição juvenil diverge em diferentes sociedades e tempos históricos. Localizar a juventude não como momento biológico, mas como construção sociológica é fundamental para compreender as diversas problemáticas que influenciam as vivências e as construções formadas pelas juventudes.

A opção por utilizar o termo no plural, “juventudes”, vai ao encontro do que Lima (2004) apresenta acerca da temática: a juventude deve ser analisada como problema sociológico ou um fenômeno histórico-social, não apenas como uma fase do ciclo da vida, levando-se em consideração todos os aspectos sociais, culturais, de gênero, classe e etnia que, de forma transversal, atravessam os grupos sociais nos quais os jovens estão imersos.

A definição e a segmentação específicas do termo “juventude” geram debates acerca da temática. Novaes (OLIVEIRA; LACERDA; NOVAES, 2021) utiliza três segmentos para categorizar as faixas-etárias juvenis no Brasil: O jovem-adolescente, localizado entre 15 e 18 anos; o jovem-jovem, entre 19 e 24 anos e o jovem-adulto, que se estende dos 25 aos 29 anos. No entanto, tal desmembramento não é oficialmente utilizado por instituições como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por exemplo. Além do recorte etário, que por si só já apresenta uma grande variação em relação aos indivíduos e seus anseios sociais, existem também os delineamentos relacionados à etnia, ao gênero e às classes sociais. No tocante às questões raciais, o Atlas da Violência, importante instrumento de coleta de dados produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) juntamente

ao Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), apresentou, no ano de 2020, números alarmantes que atingem os segmentos juvenis no Brasil.

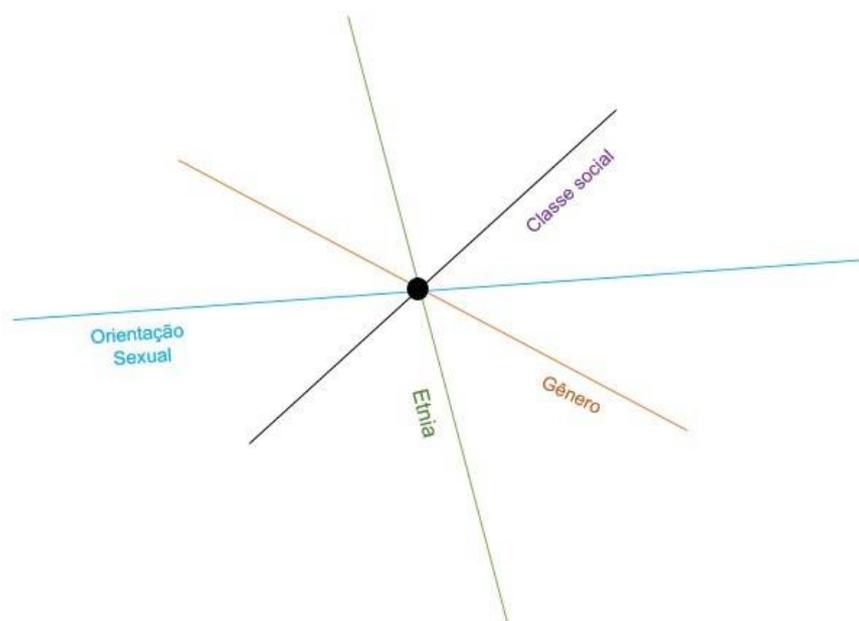
Com o tópico intitulado de “Juventude Perdida”, o documento expõe a realidade violenta a qual esses indivíduos estão suscetíveis. No ano de 2018, aproximadamente 30.900 jovens de idades entre 15 e 29 anos foram vítimas de homicídios. Essa proporção é maior entre os homens jovens pretos e pardos vítimas de morte de violenta.

Altas taxas de criminalidade também se abatem sobre essa parcela populacional, tendo em vista que cerca de 21% da população carcerária do Brasil é atualmente composta por jovens de idades entre 15 e 29 anos, de acordo com levantamentos realizados pelo Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN). A origem racial, em sua maioria, coincide com jovens pardos e pretos.

Outro fator relevante é aquele relacionado ao gênero e como suas construções impactam nas escolhas e possibilidades das juventudes brasileiras. Conforme dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), publicados no ano de 2021, as mulheres são as responsáveis por 92% do trabalho doméstico, das quais 65% são negras. Ainda de acordo com o mesmo veículo, a crise sanitária do coronavírus intensificou a perda de postos de trabalho e a dificuldade de reinserção delas no mercado cada vez mais competitivo e precarizado.

A teoria da interseccionalidade, apesar de surgir voltada para análises do campo feminista, serve como viés para refletir acerca dos marcadores sociais que cruzam as juventudes brasileiras e condicionam suas vidas. Hirata (2018) delimita essa abordagem pela afirmação da “interdependência das relações de poder de gênero, raça e classe” (p. 8). A figura a seguir, busca representar graficamente os cruzamentos de grandes eixos de diferenciação social.

Figura 1: Representação gráfica interseccionalidade



Fonte: Elaborado pela autora

Esses marcadores podem auxiliar na compreensão de como são construídas culturalmente desigualdades e diferenças na vida social, as imagens e identidades geradas, os modos e projetos de vida dos indivíduos e do coletivo.

1.3 A juventude, a educação e o trabalho

Novaes (OLIVEIRA; LACERDA; NOVAES, 2021) aponta o trabalho como a principal reivindicação entre os jovens, e a profunda dificuldade de se projetar algum futuro em um mercado progressivamente restritivo e em constante metamorfose. Os impactos causados pela insegurança que permeia as relações das juventudes com o mundo do trabalho podem evoluir ao ponto de ocasionar adoecimento mental e minar as expectativas quanto à aquisição de bens imóveis, à formação de família e ao acesso ao nível superior de ensino.

De acordo com Weller (2014), muitos desses eventos, os quais marcam uma espécie de transição para a vida adulta ou a saída do jovem-adolescente do ensino médio rumo ao mercado de trabalho, deixaram de ter um significado de “rito de passagem” e se tornaram mais como “rito de impasse”. Conforme Carvalho e Filho (2021), existe atualmente uma grande dificuldade para o jovem entrar e permanecer

no mercado de trabalho, muito por conta da grande insegurança e da constante necessidade de profissionalização, o que contribui para o aligeiramento de formações em áreas tecnológicas e de linguagens. A ideia de vinculação entre a educação básica e o mundo do trabalho carece de políticas públicas intersetoriais que estreitem os laços entre essas duas grandes necessidades juvenis.

Na última reforma do ensino médio, normatizada pela Lei Nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, alguns instrumentos foram incorporados ao novo formato da última etapa da educação básica. Além de alterar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei 9.394, de 1996, o dispositivo trouxe a política de fomento à implementação de escolas de ensino médio em tempo integral, alterou a carga horária para o total de mil e quatrocentas horas, as quais serão alcançadas progressivamente, e projetou um novo arranjo curricular.

Já as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, exaradas pela Resolução Nº 3, de 21 de novembro de 2018, apresentam os objetivos, os princípios e os conceitos atualizados presentes no Novo Ensino Médio. Entre os princípios, localizados no artigo 5º da referida Resolução, o Inciso II aponta: projeto de vida como estratégia de reflexão sobre trajetória escolar na construção das dimensões pessoal, cidadã e profissional do estudante. A concepção de projeto de vida é apresentada nos seguintes termos:

"o projeto de vida e carreira do estudante como uma estratégia pedagógica cujo objetivo é promover o autoconhecimento do estudante e sua dimensão cidadã, de modo a orientar o planejamento da carreira profissional almejada, a partir de seus interesses, talentos, desejos e potencialidades." (BRASIL, 2018)

Os itinerários formativos, que compõem parte da carga horária total do ensino médio, também aparecem na referida Resolução em seu artigo 6º, inciso III como:

"Cada conjunto de unidades curriculares ofertadas pelas instituições e redes de ensino que possibilitam ao estudante aprofundar seus conhecimentos e se preparar para o prosseguimento de estudos ou para o mundo do trabalho de forma a contribuir para a construção de soluções de problemas específicos da sociedade." (BRASIL, 2018)

Weller (2014), porém, afirma que: “nem sempre os jovens encontram apoio e condições necessárias para esse exercício de experimentação e identificação de possibilidades que podem tornar-se concretas” (p.142). Além disso, a multiplicidade de condições, nas quais os sistemas de ensino e suas respectivas instituições escolares de ensino médio estão inseridos, provoca desigualdade no acesso aos itinerários formativos, cuja oferta fica a critério dos sistemas e da disponibilidade da rede. Tendo em vista que esse instrumento está relacionado com as perspectivas pós-ensino médio, seja o ensino superior seja o mundo do trabalho, e possui parte da carga horária, não menos que 1.200 horas, destinadas à sua conclusão, é necessário refletir sobre essa oferta a jovens que residem em regiões periféricas

O trabalho, além de apresentar-se como finalidade e princípio da educação formal em normativos educacionais, está intimamente relacionado ao aspecto educativo. Conforme Frigotto (2004), o ensino médio não está dissociado da vida e, portanto, do mundo do trabalho. Assim, esse autor afirma que essa etapa:

“...não pode estar definido por uma vinculação imediata e pragmática, nem com o “mercado de trabalho”, nem com o “treinamento” para o vestibular. Aqui reside um ponto central para recuperar seu sentido de educação básica que faculte aos jovens as bases dos conhecimentos que lhes permitam analisar e compreender o mundo da natureza, das coisas e o mundo humano/social, político, cultural, estético e artístico.” (FRIGOTTO, 2004, p. 58).

Tomar o trabalho como princípio educativo no ensino médio pressupõe considerá-lo em seu sentido histórico e recuperar sua dimensão como atividade humana vital, desvinculando-o da noção de trabalho exclusivamente alienado. Frigotto (1989) estabelece em relação a isso que:

“Implica superar a visão utilitarista, reducionista de trabalho. Implica inverter a relação situando o homem e todos os homens como sujeito do seu devir. Esse é um processo coletivo, organizado, de busca prática de transformação das relações desumanizadoras e, portanto, deseducativas.” (FRIGOTTO, 1989, p. 8).

1.4 As representações sociais

Moscovici (2015) traz o conceito de representações sociais, as quais podem ser entendidas como:

“Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social” (apud MOSCOVICI p.21).

Nesse sentido, as representações sociais ocorrem em grupos diversos e são produzidas a partir das interações e da comunicação entre os indivíduos em determinado período histórico. Convém destacar que não devem ser interpretadas como algo dado, ou seja, há a necessidade de se discutir como são construídas.

Conforme Moscovici (2015), os indivíduos e os grupos nos quais estão inseridos criam imagens que quanto mais compartilhadas e desconhecidas suas origens, mais cristalizadas serão, inculcando-se na tradição de determinado povo e se tornando quase imortais: convertem-se em senso comum.

Para compreender uma representação social é fundamental um olhar para o subjetivismo e para os diferentes sentidos que o cercam. Jodelet, citado por Ornellas (2012), estabelece que:

“As representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais e sociais e integrando, ao lado da cognição da linguagem e da comunicação, as relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideal sobre as quais elas intervirão.” (Jodelet 2001 p. 41 apud Ornellas, 2012, p. 123).

REPRESENTAÇÕES SOBRE O TRABALHO: O QUE DIZEM OS ADOLESCENTES DO SOL NASCENTE/PÔR DO SOL

Esta seção é dedicada ao trabalho de campo. Iniciamos trazendo dados da Região Administrativa do Sol Nascente/Pôr do Sol, a fim de entender um pouco de sua história, das condições atuais oferecidas à população e da realidade dos adolescentes que residem lá. Em seguida, apresentamos informações sobre os jovens-adolescentes participantes da pesquisa, analisamos suas falas sobre o mundo do trabalho, com a intenção de identificar que imagens do trabalho chegam até eles. Também buscamos em suas narrativas analisar aspectos das relações familiares, educacionais e sociais mais amplas que impactam nas representações criadas sobre o campo de estudo desta pesquisa.

1.5 Contextualizando o Sol Nascente/ Pôr do Sol

A recente criação da Região Administrativa (RA) do Sol Nascente/Pôr do Sol ocorre em um contexto de aumento da densidade demográfica na área antes popularmente conhecida como “favela” ou apontada como periferia da região de Ceilândia. O acúmulo populacional nesse espaço se iniciou em meados dos anos 90 do século passado e se intensificou ao longo das primeiras décadas do século XXI, muito em consequência das altas taxas de migrações que possuem como destino a capital federal.

A RA do Sol Nascente/Pôr do Sol conta com 3 trechos urbanos e possui, aproximadamente, 94.901 mil habitantes, conforme dados da última PDAD. Desses, parte é composta por jovens com idades entre 15 e 24 anos. É relevante salientar que as demandas escolares, em sua maioria, não são atendidas nessa região. A quantidade insuficiente de escolas faz com que os estudantes de diversas idades precisem se deslocar para instituições presentes na RA de Ceilândia ou mesmo na RA de Taguatinga, distante cerca de 10 quilômetros. Conforme Paim (2019):

“o Sol Nascente acabou por abrigar a população que não foi atendida por Brasília e continua dependendo das cidades mais próximas, especialmente Ceilândia, devido à falta de estrutura urbana na cidade, como escolas, hospitais e postos de trabalho”. (Paim, 2019, p.48)

No tocante à relação dos moradores da região com o trabalho, alguns dados chamam a atenção: o grau de informalidade entre empregados e empregadores alcança mais de 80% dos indivíduos que participaram da última pesquisa domiciliar realizada pela CODEPLAN. 88% dos moradores do Sol Nascente/Pôr do Sol possuem o MEI, isso é, o cadastro de Microempreendedor Individual, o qual se configura como uma forma de regulamentar os serviços prestados de forma autônoma, eximindo empregadores da garantia de direitos trabalhistas e flexibilizando relações de trabalho. Além do MEI, o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica, CNPJ, outra regulamentação muito adotada por trabalhadores autônomos, está presente na realidade de 86% dos habitantes da RA que responderam a PDAD.

Nesse sentido, Antunes (2018) apresenta o conceito de “pejotização”, o qual se configura como a falsa ideia de um trabalho autônomo e livre, em que há uma precarização acentuada e flexibilidade desmedida, permitindo que direitos trabalhistas sejam burlados e o assalariamento mascarado.

Relativo à cor e à raça, aproximadamente 54% da população se autodeclara parda ou preta, e a média de idade registrada entre os participantes da pesquisa por amostra de domicílios foi de 28 anos de idade.

1.6 Os participantes da pesquisa: adolescentes do Sol Nascente/Pôr do Sol

Os adolescentes que foram entrevistados estudam em uma escola pública nas imediações da RA do Sol Nascente/Pôr do Sol, mas que se encontra vinculada à Coordenação Regional de Ensino de Ceilândia. Ambos estão no 3º ano do ensino médio e frequentam o projeto Jovem de Expressão, que ocorre em Ceilândia e oferta uma variedade de programas para jovens da região. Júlia e Michael, nomes fictícios escolhidos pelos próprios adolescentes, estão com 17 anos e moram no Sol Nascente.

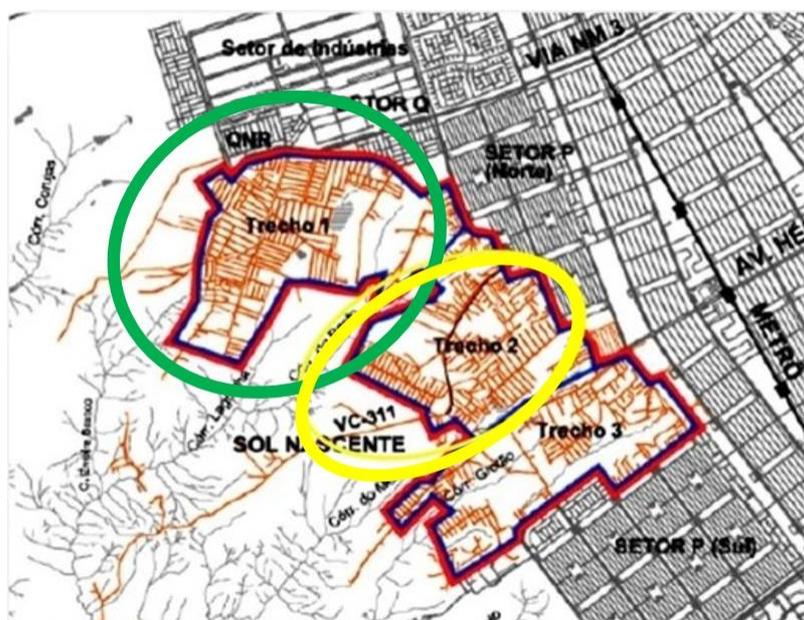
Vale mencionar que outros 4 adolescentes convidados para participar da entrevista declinaram. É necessário refletir acerca dos motivos que levaram esses jovens a optarem por não responder questionamentos acerca do lugar em que mora. Dois deles afirmaram não se sentirem confortáveis para responder às perguntas. O não aceite pode decorrer de diferentes fatores, como o receio de se verem expostos,

sendo necessárias outras investigações.

No que diz respeito aos jovens entrevistados neste trabalho, acredita-se que a participação em projetos sociais tenha sido um fator favorável ao aceite. Esses projetos envolvem, frequentemente, a participação de alunos da Universidade de Brasília. Talvez esse maior convívio com estudantes universitários, tenha influenciado em se mostrarem mais abertos e entusiasmados em relação à entrevista.

Júlia vai às aulas voltadas para o pré-vestibular oferecidas pelo projeto Jovem de Expressão. Michael também acompanha as aulas, porém, em menor frequência. Os dois estudantes moram na RA do Sol Nascente, porém, em trechos distintos. Michael reside no trecho 3 (marcação de verde), popularmente conhecido como “Trem Bão”. Júlia é moradora do trecho 2 (marcação de amarelo), que na região é chamado de “Condomínio Pinheiro” ou ainda “Residencial Vitória”. Embora a região administrativa se chame Sol Nascente/Pôr do Sol, a maior extensão encontra-se ao lado norte e é chamada de Sol Nascente. Já o Pôr do Sol está mais no lado sul da região. Na Figura 2 é possível observar a divisão dos trechos.

Figura 2: Planta de localização RA Sol Nascente



Fonte: Godoy, 2013, p. 18.

1.7 Percepções e expectativas em relação ao trabalho

Em relação aos aspectos que envolvem o mundo do trabalho, os adolescentes participantes da pesquisa não exerciam nenhum tipo de trabalho formal. Michael já havia realizado alguns trabalhos informais, conhecidos como “bicos” ou “*freelancers*”. O jovem apontou as áreas de carga e descarga de produtos e auxílio em estoque de produtos como as mais fáceis para se conseguir ocupações informais. Quando perguntado a respeito da remuneração dos serviços que realizou, se era boa ou aquém do esperado, Michael afirmou que considerava um “preço justo na medida do possível”.

Os serviços prestados esporadicamente por Michael envolvem uso da força física extrema e o colocam em risco de acidentes graves. O fato de não haver qualquer tipo de contrato, culminando em alta insegurança trabalhista, colabora para que o risco ou qualquer possível acidente não venha a gerar qualquer responsabilidade pra o contratante de seu trabalho.

Para Júlia a realidade é outra. A jovem nunca trabalhou em empregos formais, mas costumava ajudar em tarefas domésticas. Auxiliava seu ex-padrasto em trabalhos artesanais, principal fonte de renda da família, e em alguns momentos cuidava da avó, que é aposentada por invalidez e sente dores no corpo. No tocante às diferenças de gênero entre os jovens, Júlia, por ser do gênero feminino, conforme apontam estudos como Hirata (2018), encontra-se suscetível a trabalhos relacionados ao cuidado ou domésticos.

Em suas famílias, a relação com o trabalho é bastante marcada por práticas comuns aos moradores do Sol Nascente, conforme dados do PDAD, que apontam extrema informalidade entre esse grupo. A mãe de Júlia está desempregada desde antes da pandemia do coronavírus e, durante o período de restrição de contato social, tornou-se mais árdua a busca por diárias em trabalho doméstico, atividade que tem realizado há alguns anos. Com isso, a única fonte de renda, no período, foi a aposentadoria de sua avó.

Na família de Michael também há presença de trabalho informal e precário. Seu pai tinha um emprego com carteira assinada, porém, devido à crise decorrente da Covid-19, foi demitido e a partir disso não encontrou um outro emprego formal. Atualmente, realiza serviços *freelancers*, assim como o filho.

Esse é uma realidade destacada por Boaventura Santos (2020): “Deve salientar-se que para os moradores das periferias pobres do mundo, a actual emergência sanitária vem juntar-se a muitas outras emergências.” (p. 19). A pandemia tornou mais evidentes as imensas dificuldades socioeconômicas enfrentadas por uma grande parcela da população brasileira, da qual fazem parte os adolescentes participantes da pesquisa, com impacto em suas visões e expectativas em relação ao trabalho.

1.8 Anseios em relação à transição após a educação básica

A iminência da conclusão do ensino médio afeta os adolescentes participantes da pesquisa em muitos aspectos, especialmente no que tange ao ingresso no mercado de trabalho ou na educação superior. Ambos os caminhos aparecem nas perspectivas de Júlia e Michael, porém, como imagens muito distintas. As dúvidas e incertezas em relação ao futuro são perceptíveis em suas respostas à pergunta “o que vocês têm em mente após a conclusão do ensino médio?”, a resposta de ambos, inicialmente, é um unísono “não sei...”.

Quando questionados sobre o ensino superior, tendo em vista que frequentam as aulas do curso preparatório para o vestibular oferecidas pelo Jovem de Expressão, os jovens respondem que há uma área de interesse afim: psicologia. Para eles, dispor de um diploma de nível superior abriria portas de acesso a muitos direitos, especialmente ao trabalho, à educação, à moradia e, certamente, ao exercício de uma cidadania plena que lhes é garantida constitucionalmente.

Segundo Júlia, a opção por psicologia veio muito em decorrência de sua personalidade cuidadosa: ela gosta de cuidar de todos. No caso de Julia, mais uma vez o aspecto do cuidado enquanto temática laboral aparece ligado ao gênero feminino e contribui, inclusive, para a escolha do curso superior.

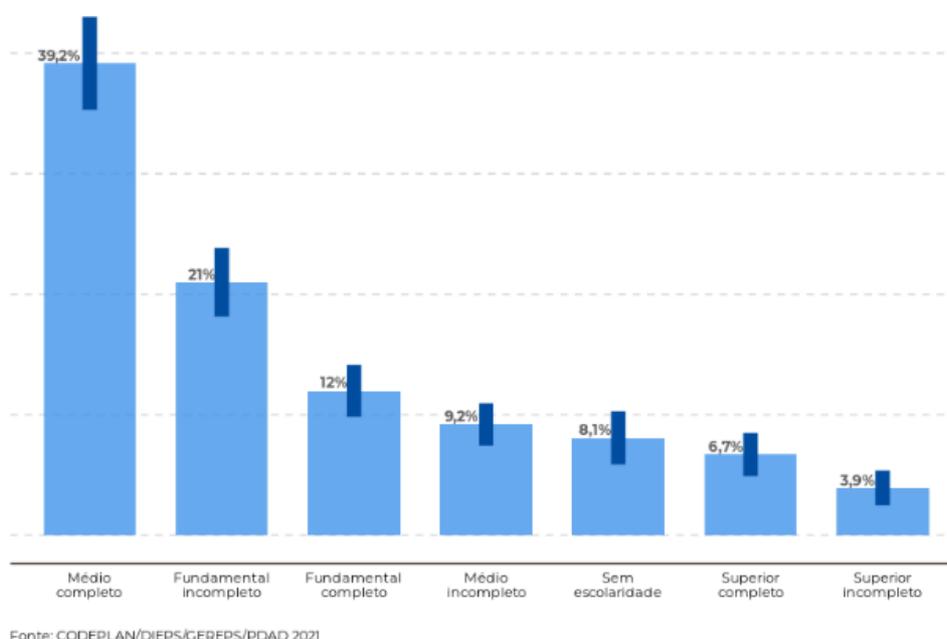
Ao serem questionados sobre as escolhas de apenas estudar ou conciliar estudos com trabalho, ambos afirmaram querer apenas estudar, no entanto, as chances de isso se efetivar após o término do ensino médio são mínimas.

Há expectativas familiares em relação aos adolescentes que concluem o ensino médio, especialmente relativas ao trabalho que contribua com as despesas de

casa. Em regiões de alta vulnerabilidade socioeconômica, essas expectativas são potencializadas. Michael diz que: “questão de querer eu queria só estudar, mas vou ter que trabalhar também.” Para muitos, esse é o único caminho possível, e vislumbrar o acesso ao ensino superior é a exceção em uma região como o Sol Nascente.

A última PDAD 2022 mostra que apenas 6% da população da região possui um curso superior. 39,2% possuem ensino médio completo, como é possível observar imagem abaixo.

Figura 3: Gráfico do nível de escolaridade da população, com 25 anos ou mais, Sol Nascente/Pôr do Sol, 2021



Fonte: CODEPLAN, 2021, p. 43.

1.9 A territorialidade em questão

A questão territorial impacta a construção do autoconceito e a identificação – ou não – dos sujeitos com o local em que vivem. Conforme Santos (2002, p.10, apud Paim, 2019, p. 35), território não deve ser compreendido apenas como “um conjunto de sistemas naturais” ou de “coisas superpostas”, mas como um “território usado”, o qual é denominado “o chão mais a identidade”. Portanto, compreender a forma com a qual os adolescentes moradores de uma área tão invisibilizada e carente da

presença estatal, como é o caso do Sol Nascente/Pôr do Sol, é entender também suas constituições como seres humanos (Paim, 2019).

Quando perguntados acerca da relação com o Sol Nascente, os participantes da pesquisa foram enfáticos em afirmar que não gostavam do lugar. De acordo com Júlia: “a principal coisa sobre morar no Sol Nascente é que é perigoso”. A jovem conta que já foi assaltada cerca de três vezes. Michael diz que o trecho 3, no qual mora, é o mais perigoso das três subdivisões que formam o Sol Nascente. Ele diz que: “qualquer passo em falso pode correr risco de vida”.

Michael ressalta que o tráfico de drogas na região é bastante presente e que quase todas as noites é possível ouvir troca de tiros nas ruas adjacentes à que mora. Perguntados sobre as patrulhas policiais, os jovens afirmam não haver muitas viaturas circulando ou fazendo rondas, o que ocorre apenas quando existe alguma emergência policial, como crimes ou acidentes.

A região do Sol Nascente/Pôr do Sol, antes mesmo da separação de Ceilândia, sofria com graves problemas ambientais, haja vista ser área de nascentes de águas e ter passado por um longo e violento processo de grilagem de terras. Atualmente, com a ausência de saneamento básico em vários pontos, ainda é comum ocorrerem alagamentos que causam sérios danos à população. De acordo com dados da Agência Reguladora de Águas, Energia e Saneamento Básico do Distrito Federal, ADASA, em 2015, havia cerca de 47.058 mil moradores de áreas irregulares do Sol Nascente não atendidos por programas de esgotamento sanitário.

Além disso, conforme o Plano Distrital de Saneamento Básico do Distrito Federal, o Sol Nascente era, em 2017, uma das áreas de risco por doenças, alagamentos e deslizamentos ou desabamentos monitoradas pela defesa civil. Com o crescimento exponencial da população nos últimos anos, é possível que essas proporções tenham aumentado ainda mais.

O jovem Michael relata que ao lado de sua casa, por exemplo, há um esgoto a céu aberto que transborda sempre que chove. Júlia afirma que apenas recentemente obras mais estruturais e de esgotamento sanitário foram realizadas. A coleta de lixo também passou a ser realizada com mais frequência faz poucos anos e que, embora muitas obras estejam sendo feitas, ainda existe o problema dos entupimentos que causam mau cheiro, infestação de animais – ratos e baratas principalmente – e incômodos no trajeto a pé. Na figura a seguir, é mostrada uma típica rua da região,

sem pavimentação e rede de esgotamento sanitário.

Figura 4: Típica rua do Sol Nascente/Pôr do Sol, 2022

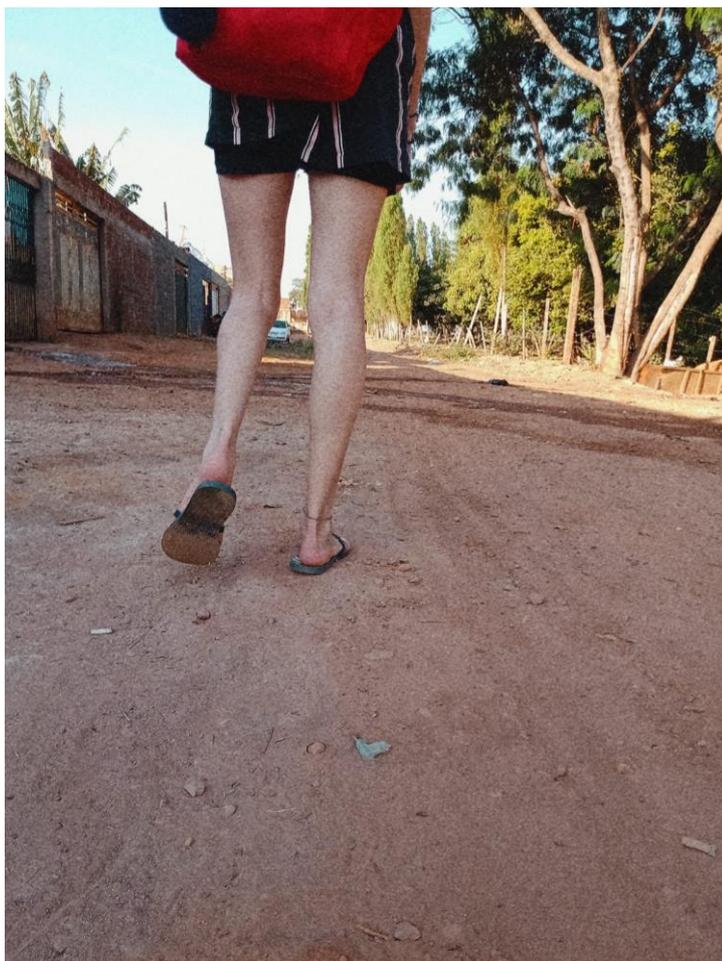


Fonte: Acervo pessoal, 2022

Quando perguntados sobre as coisas que o Sol Nascente tem a oferecer, os jovens disseram que não enxergam nenhum benefício em residir no local. “Sinceramente, eu não gosto de morar no Sol Nascente”, afirma Júlia, “eu só quero ir embora” reitera a jovem com um sorriso retraído. Ela ainda diz que não sente raiva do lugar onde morou a vida toda, no entanto, não consegue gostar ou sentir-se bem lá.

As figuras 5 e 7 mostram as condições das vias trilhadas pelos jovens-adolescentes para chegarem a suas casas e as figuras 6 e 8 apresentam os longos percursos realizados por eles para chegarem à escola.

Figura 5: Júlia perto do local onde mora, no trecho 2



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 6: Percurso casa-escola realizado por Júlia



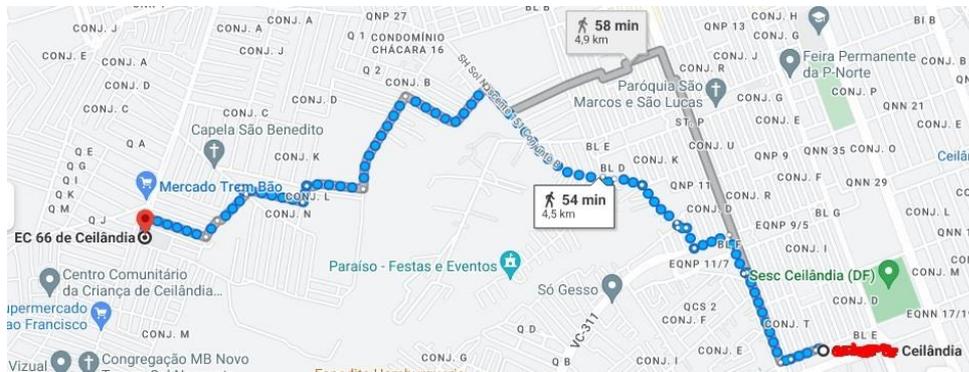
Fonte: Google Maps

Figura 7: Michael no trecho 2



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 8: Percurso casa-escola realizado por Michael



Fonte: Google Maps

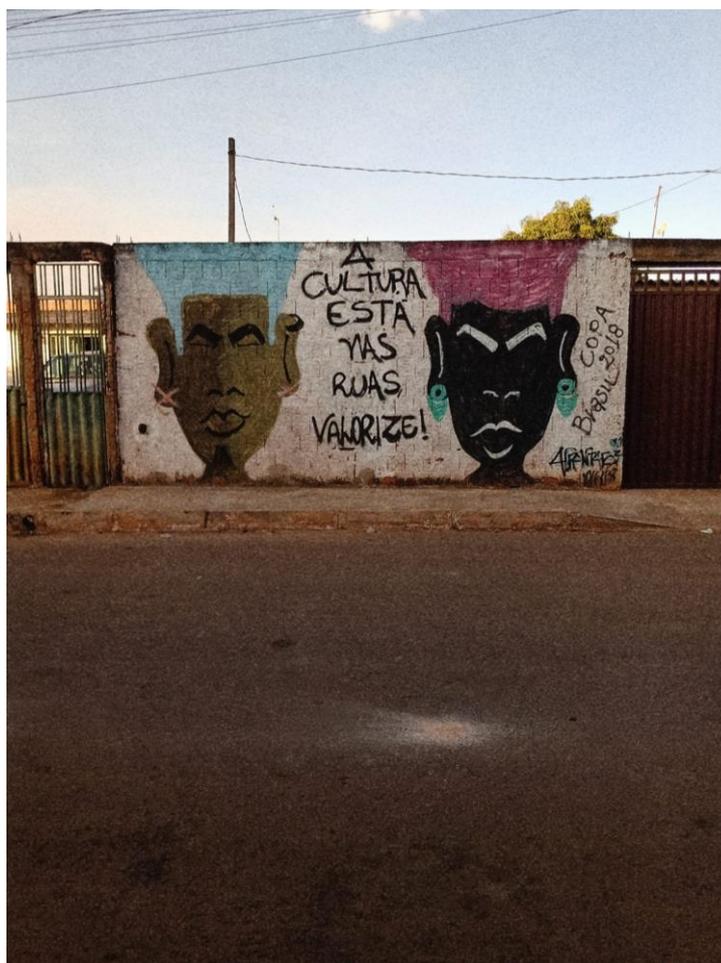
O Estatuto da Cidade, sancionado pela Lei 10.257 de 2001, assegura, entre outros, em seu artigo 2º, o direito a cidades sustentáveis, entendido como o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infraestrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações, fato pouco concretizado na região do Sol Nascente/Pôr do Sol. Dessa forma, um rol de direitos fundamentais é negado a essa parcela da população do Distrito Federal.

O baixo oferecimento de bens culturais na região também impacta o desenvolvimento pleno dos cidadãos que lá residem. Não há muita oferta de eventos que proporcionem acesso à cultura, exceto pelas proximidades na região de Ceilândia, o que ainda é pouco em comparação com regiões mais localizadas ao centro de Brasília. Em Ceilândia, é possível encontrar centros comerciais, estabelecimentos voltados à diversão, shows e projetos como o Jovem de Expressão, lócus fundamental para os adolescentes participantes da pesquisa.

Júlia fala que: “a única coisa que eu conheço de cultural é aqui no Jovem” e “aqui é o único lugar que eu frequento pra além da escola.”, percebe-se o papel de socialização, entretenimento e formação humana que o projeto proporciona aos jovens que o visitam. No entanto, embora gostem de ir ao local, a distância é algo que chama a atenção, pois o fato de ambos morarem a cerca de seis quilômetros torna o percurso mais demorado.

Weller (2014) afirma que: “A participação no campo da cultura e do consumo está relacionada, em certa medida, ao tipo de emprego ou atividade remunerada que terão.” (Weller, 2014, p. 139). A possibilidade de usufruir de bens culturais que lhes possibilitem um arcabouço cultural mais sólido está intimamente relacionada ao trabalho precário que realizam e à pouca ou nenhuma remuneração que recebem, delineando complexidade na relação trabalho-cultura existente na vida de jovens-adolescentes moradores da periferia do Distrito Federal.

Figura 9: Rua principal no Sol Nascente

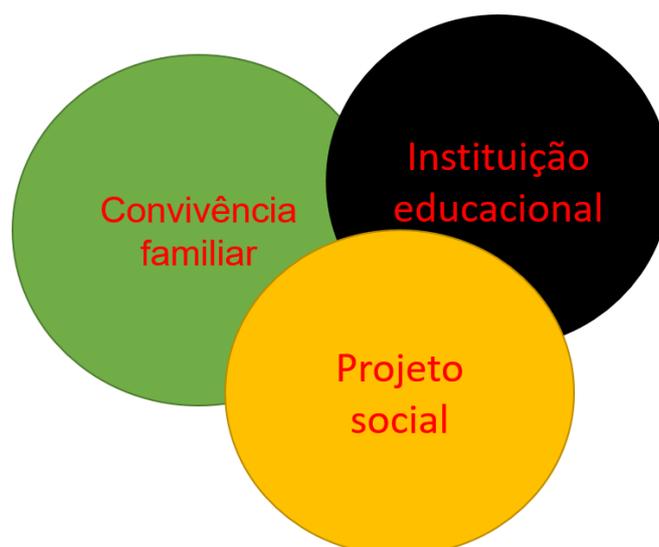


Fonte: Acervo pessoal, 2022.

1.10 Fatores que impactam na formação das representações e implicações para o campo educacional

A partir da fala dos jovens-adolescentes participantes da pesquisa, é possível localizar três espaços sociais que concorrem para as representações construídas cotidianamente. Buscamos demonstrar esses entrecruzamentos na figura a seguir.

Figura 10: Representações sociais que impactam na vida dos adolescentes



Fonte: elaborado pela autora

Em suas relações familiares, os adolescentes são marcados por imagens de um trabalho completamente informal, precarizado e flexível, algumas das marcas da crise enfrentada pelo sistema trabalhista nas últimas décadas. Esses exemplos de trabalho, os quais Antunes (2018) caracteriza como “o privilégio de servir”, chegam de maneira intensa às suas realidades, criando representações sociais de um conceito de trabalho deseducador, que causa sofrimento e não garantidor de qualquer direito ou perspectiva futura.

O fato de considerarem os trabalhos formais como algo difícil de conseguir e fora de seu alcance a curto prazo, além de elevarem o diploma de ensino superior ao status de necessidade para a consecução de um posto de emprego, vai ao encontro do que Carvalho e Filho (2021) constatam em relação às juventudes brasileiras em suas interações com o atual sistema trabalhista. Segundo os autores:

“para o jovem adentrar e permanecer no mercado de trabalho, ele precisa se sujeitar a condições duras de trabalho e disciplina, empregos sem segurança nenhuma e tendo a necessidade de sempre trabalhar a si mesmo, para vencer a acirrada competição pelos cargos precários.” (Carvalho e Filho, 2021, p. 10).

Ainda nessa perspectiva, Weller (2014) salienta que: em condições sociais de grande insegurança e de risco, muitos jovens encontram refúgio em projetos de curto

ou curtíssimo prazo.” (Weller, 2014, p. 139).

Já na instituição escolar, não se trata sobre outros sentidos de trabalho que não aquele abstraído e transformado em mercadoria. Em suas falas sobre o trabalho tratado no ambiente escolar, os participantes da pesquisa não conseguiram identificar qualquer tipo de encaminhamento ou vinculação da educação básica, de seus projetos de vida e itinerários formativos com o mundo do trabalho de forma efetiva. A proposta do novo ensino médio evidencia entraves em sua concretização com alunos que apresentam marcadores sociais de classe tão evidentes, como é o caso dos jovens Júlia e Michael.

Frigotto (2004) indica um ponto crucial na concepção de ensino médio oferecida às classes populares: a política educacional de ensino médio que ambiciona uma articulação entre ciência, conhecimento, cultura e trabalho não deve ser homogeneizadora nem particularista. Isto é, existe a necessidade de não desconsiderar as singularidades desses sujeitos reais, dos quais deve partir a prática educativa, porém, garantindo o mesmo patamar de conhecimentos que são – e devem ser – tratados nessa etapa da educação básica.

A respeito do projeto social que Júlia e Michael frequentam, é a materialização de melhores possibilidades de vida, segundo suas percepções. É lá que encontram o apoio necessário na busca por uma melhor formação educacional e cidadã. A instrumentalização proporcionada pelo projeto, tanto no que diz respeito ao acesso a conteúdos e informações preteridos pela instituição de ensino formal, quanto na formação de si mesmos como sujeitos críticos e socialmente localizados, é fundamental para que os jovens efetivamente construam projetos de vida de maneira ativa.

A partir de Moscovi (2015), é possível entender o projeto Jovem de Expressão como um ponto de clivagem. Em outros termos, é cenário no qual se encontra a possibilidade de construir, a partir das relações com seus pares, novas representações sociais, as quais emergem das tensões existentes na sociedade e em suas contradições. As representações sociais de trabalho que chegam aos adolescentes moradores do Sol Nascente podem – e devem, em muitos aspectos – ser constantemente questionadas e posteriormente modificadas, à medida que novas imagens são interiorizadas.

É pertinente destacar que com base nas respostas dos jovens Júlia e Michael,

a escola pública que frequentam pouco se vincula com os anseios pós-ensino médio. O fato de encontrarem encaminhamentos para a educação superior em um projeto educacional não-formal provoca duas grandes reflexões: primeiramente, o alcance de projetos comunitários e colaborativos criados e mantidos por moradores das periferias das grandes metrópoles que alcançam centenas de jovens; e em segundo ponto, as falhas de um sistema educacional conivente com uma concepção de educação conformadora e um modelo de escola “que requer apenas necessidades mínimas de aprendizagem” e propicie “aprendizagens mínimas para a sobrevivência” (Libâneo, 2012, p. 23).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo geral compreender as representações sociais que jovens moradores da RA Sol Nascente/Pôr do Sol constroem sobre o trabalho. Com esse fim, utilizou-se a entrevista como instrumento de coleta de dados em um estudo de campo realizado com dois jovens estudantes de escola pública, do 3º ano do ensino médio, residentes na referida região administrativa e que frequentam um projeto sociocultural.

A partir das falas de ambos os jovens-adolescentes, foi possível entender as imagens por eles construídas acerca do trabalho: precário, impregnado de flexibilidade e insegurança. Essas representações chegam, nesse caso, essencialmente pelas relações intrafamiliares e reverberam nas atividades que realizam a fim de conseguirem alguma renda.

Relativamente ao contexto escolar desses jovens, não há uma conexão muito clara entre seus anseios e as vivências escolares. Algumas de suas falas evidenciam essa ausência de vínculo entre a etapa do ensino médio e seus projetos de vida mais amplos. Nas narrativas de Júlia e Michael, nota-se, por outro lado, uma sensação de pertencimento ao projeto social que frequentam e os tensionamentos que daí surgem, capazes de alterar muitas representações sociais, não somente sobre trabalho.

Em suas realidades, sem muito acesso a uma série de espaços formativos, enxergam no projeto um importante lócus de direcionamento, contribuição pessoal, acolhimento e construção de relacionamentos. Justamente por isso é crucial investigar os problemas estruturais que impedem uma maior afinidade entre os participantes da pesquisa e a escola na qual estudam, também corresponsável por todos esses processos, entre outros.

Apesar das análises obtidas nesse estudo, convém destacar que há uma pluralidade de juventudes construindo e reconstruindo suas representações cotidianamente no espaço escolar e no território do Sol Nascente/Pôr do Sol. As contradições existentes nesses ambientes possibilitam tensões e pontos de clivagem a todo momento, e nessa relação dialética entre indivíduo e meio, novas histórias são oportunizadas e histórias em fluxo, ressignificadas.

Ao projetar pesquisas futuras, embora em um cenário não muito favorável, é

fundamental repensar essas estruturas que não são naturais e, sendo assim, passíveis de modificações. Frigotto (1989, p. 8) manifesta que “é dentro destas velhas e adversas relações sociais que podemos construir outras relações.” Logo, possíveis encaminhamentos de estudo são aqui admitidos, tanto para a população jovem quanto para outros grupos sociais que vivem e sobrevivem nessa região, além de pensar o compromisso político e social que a educação pública brasileira possui com tais indivíduos.

PERSPECTIVAS FUTURAS

As expectativas que alimento, especialmente as profissionais, estão intimamente relacionadas à educação pública, seja como docente, seja em estender a caminhada como discente. A meta, que acredito compartilhar com muitos colegas de universidade, é tornar-me professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, podendo atuar em ambientes que um dia já estive como aluna.

Pretendo trabalhar em uma escola classe localizada na RA do Sol Nascente/Pôr do Sol, onde realizei meus estágios obrigatórios do curso de pedagogia na Universidade de Brasília. No entanto, não descarto outros espaços de atuação, a exemplo, os não escolares.

Ademais, projeto ingressar em outro curso de licenciatura, um sonho antigo que desejo concretizar muito em breve. Antes disso, porém, quero exercer a profissão que escolhi e contribuir de alguma forma com uma educação pública que fortaleça um projeto mais crítico. Para isso, tenho certeza que na Universidade de Brasília sempre encontrarei instrumentos que me auxiliem nessa caminhada.

Reitero o sentimento de esperança, o qual sempre me acompanhou e espero que jamais me deixe. E apesar de árdua, a caminhada que trilhei no espaço da universidade foi uma das maiores experiências da minha vida, e, naturalmente, gostaria de retornar algum dia ao local que ressignificou muito da minha trajetória pessoal.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA REGULADORA DAS ÁGUAS, ENERGIA E SANEAMENTO BÁSICO DO DISTRITO FEDERAL – ADASA. **Plano distrital de saneamento básico do Distrito Federal**, setembro de 2017. Brasília, 2017. Disponível em: <https://www.adasa.df.gov.br/images/storage/regulacao/Plano_Distrital_de_Saneamento_B%C3%A1sico_do_DF/PDSB_DF_subproduto_7.1_0717_Vers%C3%A3o_Final_DIGITAL.pdf> Acesso em: 03 de setembro de 2022.

AGÊNCIA REGULADORA DAS ÁGUAS, ENERGIA E SANEAMENTO BÁSICO DO DISTRITO FEDERAL – ADASA. **Plano distrital de saneamento básico e de gestão integrada de resíduos sólidos**, março de 2017. Brasília, 2017. Disponível em: <https://www.adasa.df.gov.br/images/storage/regulacao/Plano_Distrital_de_Saneamento_B%C3%A1sico_do_DF/Tomo_IV_Esgoto_Produto_2_0117_R7.pdf> Acesso em: 03 de setembro de 2022.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviço na era digital. Boitempo, 1ª ed. São Paulo, 2018.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho. In: CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena (org.) **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. Porto Alegre: Zouk, 2011. pp. 432-436.

BRASIL. DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. **Levantamento nacional de informações penitenciárias**, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/depen/pt-br/servicos/sisdepen/mais-informacoes>> . Acesso em: 05 de julho de 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). **Resolução n. 3, de 21 de novembro de 2018**. Atualiza as Diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Médio. Brasília, 2018.

BRASIL. **Lei 10.257**, de 10 de julho de 2001. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Brasília, 2001.

BRASIL. **Lei 13.415**, de 16 de fevereiro de 2017. altera as leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o fundo de manutenção e desenvolvimento da educação básica e de valorização dos profissionais da educação, a consolidação das leis do trabalho - CLT, aprovada pelo decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o decreto-lei n 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a política de fomento à implementação de escolas de ensino médio em tempo integral.

CARVALHO, Laís Souza; FILHO, Domingo Leite Lima. Juventude e trabalho: Perspectivas sobre as novas relações de trabalho. In Hernán Morero, Patricia Rivero, Zanotti Agustín y Magallanes Loreta (2021). Hacia un mapeo de experiencias de conocimiento abierto y producción colaborativa en las Universidades de la Provincia de Córdoba. Primer **Congreso ESOCITE- LALICS**. ESOCITE- LALICS, Montevideo, 2021.

CORROCHANO, Maria Carla. **Jovens no Ensino Médio**: Qual o lugar do trabalho? In: DAYRREL, J; CARRANO, P; MAIA, C.L (Org.). Juventude e ensino médio: sujeitos e diálogo. Editora UFMG, 2014, P. 205-228.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS - DIEESE. Trabalho doméstico no Brasil: 2022. Brasília, DIEESE, 2022. Disponível em: < <https://www.dieese.org.br/infografico/2022/trabalhoDomestico.html> > Acesso em: 26 de agosto de 2022.

DISTRITO FEDERAL. COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios**, 2022. Brasília: Codeplan, 2022. Disponível em: < https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/05/Sol_Nascente_-_Por_do_Sol.pdf >. Acesso em: 29 de julho de 2022.

DISTRITO FEDERAL. **Lei Orgânica do Distrito Federal**. Brasília: Câmara Legislativa do Distrito Federal, 1996.

DISTRITO FEDERAL. **Resolução nº 2/2020** - Conselho Distrital de Educação do Distrito Federal. Brasília, 2021.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da Violência 2020**. Brasília, 2021. Disponível em: < <https://forumseguranca.org.br/atlas-da-violencia/> >. Acesso em: 29 de junho de 2022.

GODOY, Carolline Dias de. **Sol nascente: trecho 2: redesenho e requalificação urbana**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade de Brasília, Brasília, 2013. 2 v.

HIRATA, Helena. Divisão internacional do trabalho, precarização e desigualdades interseccionais. **Revista da ABET**, [S. l.], v. 17, n. 1, 2018. DOI: 10.22478/ufpb.1676-4439.2018v17n1.41160. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/abet/article/view/41160>. Acesso em: 22 de agosto de 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**, 2021. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html?=&t=destaques> >. Acesso em: 29 de julho de 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. **O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres**. In Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012.

LIMA, Nísia Trindade. **Juventude e ensino médio: de costas para o futuro?** In: FRIGOTTO, G. e CIAVATTA, M. Ensino Médio: ciência, cultura e trabalho. Brasília: MEC/SEMTEC, 2004.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 11ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015. P. 7-129.

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. P.19-57.

OLIVEIRA, Victor H. N.; LACERDA, Miriam P. C. de; NOVAES, Regina C. R. Juventudes, educação, política e violência: uma entrevista com Regina Novaes. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e71209, 2021. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/er/a/YDXnxFVQ4vDb5PHgDx7BDJL/abstract/?lang=pt> >. Acesso em: 29 de junho de 2022.

ORNELLAS, Maria de Lourdes. **Representação social do aluno na sala de aula e seu estilo no ato de aprender**. In. Educação e ILinguagem. v. 15. N 125. P. 119-123.

Jan.- Jun. 2012.

PAIM, Nayla Nobre. **Percursos infantis no Sol Nascente (DF): Narrativas sobre o território**. Orientador: Maria Lidia Bueno. 2019. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de pós-graduação em educação, Faculdade de educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/36942>. Acesso em: 03 de agosto de 2022.

RAMOS, Marise N. **O projeto unitário de ensino médio sob os princípios do trabalho, da ciência e da cultura**. In: FRIGOTTO, G. e CIAVATTA, M. Ensino Médio: ciência, cultura e trabalho. Brasília: MEC/SEMTEC, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Editora Almedina, 1ª ed. Coimbra, 2020.

SINASEFE, MEP. Gaudêncio Frigotto: **Juventude e Trabalho no pós pandemia**. Youtube, 4 de maio de 2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=wrOlf3OEvvl> >. Acesso em: 21 de junho de 2022.

WELLER, Wivian. **Jovens no ensino médio: Projetos de vida e perspectivas de futuro**. In: DAYRREL, J; CARRANO, P; MAIA, C. L. (Org.). Juventude e ensino médio: sujeitos e diálogo. Editora UFMG, 2014, P. 135-155.

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A pesquisa intitulada “Adolescência do Sol Nascente/Pôr do Sol: Representações sobre o trabalho” será realizada por Samara Edjanilly Gomes Barroso sob orientação da Prof^a Dr^a Caetana Juracy Rezende Silva e será apresentada na Universidade de Brasília como requisito à obtenção do título de licenciada do curso de pedagogia.

Sua participação envolve a resposta de um questionário e será gravada e transcrita posteriormente. A colaboração com o presente projeto é voluntária e as identidades serão mantidas em sigilo, somente a orientanda e a orientadora terão acesso a elas. Caso decida participar, leia atentamente as informações deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e esclareça eventuais dúvidas.

Os encontros para a realização das entrevistas serão marcados previamente. Você possui liberdade para desistir a qualquer momento.

Quaisquer dúvidas que surgirem a respeito da pesquisa poderão ser sanadas junto à orientanda via email samaraedjanilly@gmail.com

Declaro que li e entendi esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que aceito colaborar com a pesquisa.

Assinatura do/da participante

Apêndice B – Roteiro semiestruturado: entrevista

Roteiro da entrevista com os jovens-adolescentes do Sol Nascente/Pôr do Sol

1. Vocês trabalham ou já trabalharam?
2. Já realizaram algum tipo de trabalho informal?
3. Vocês gostariam de fazer ensino superior? Se sim, por quê?
4. E após o ensino médio, vocês gostariam de se dedicar apenas ao estudo, ao trabalho ou pensam em conciliar os dois?
5. E em casa, os pais de vocês estão trabalhando?
6. E aqui no projeto, vocês estão estudando para o vestibular, certo?
7. Fizeram o PAS?
8. E além do projeto, quais outros espaços sociais vocês frequentam?
9. Vocês moram em qual trecho do Sol Nascente?
10. E o que vocês acham do Sol Nascente?
11. E para vocês, o que a família representa?